

O Primeiro Filósofo Cristão

Ronald H. Nash

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

A pessoa insinuada neste capítulo foi a primeira a fornecer um esboço da filosofia cristã da história explicitamente. Muitos leitores vendo o título deste capítulo poderiam pensar em algum pensador cristão após o término do primeiro século d.C., tais como Orígenes (185-254 d.C.) ou Tertuliano (160-230 d.C.). Outros suporiam Justino Mártir (100-165 d.C.)², um platonista pagão (antes de sua conversão) que foi morto em Roma por causa de sua fé cristã. Mas a pessoa que melhor se encaixa nessa descrição será mencionada mais tarde neste capítulo. Antes de fazê-lo, é importante examinar a visão da história apresentada no Antigo Testamento.

O Pano de Fundo do Antigo Testamento

O entendimento da vida e história que achamos no Antigo Testamento é uma introdução indispensável à visão cristã da história. Fora da esfera da influência hebraica, a abordagem pagã da história produz nada senão pessimismo e desespero, o resultado natural do ciclicismo e da recorrência eterna. Uma vez que entendemos a abordagem da história sem esperança sustentada pelas culturas não-hebraicas do mundo pré-cristão, a exclusividade da doutrina hebraica brilha como uma luz nas trevas.

O ato mais significativo de Deus na história do Antigo Testamento foi o Êxodo, a libertação dos hebreus da escravidão egípcia. Mas o Êxodo não foi simplesmente o fim de algo; foi parte de um processo com propósito que levou primeiro à conquista e ocupação da Palestina pelos judeus e então ao reino de Davi. Isso levou adicionalmente ao cumprimento das promessas com respeito ao Messias vindouro.

Os profetas do Antigo Testamento tomavam a história muito seriamente. O poder e as promessas de Deus eram centrais para o seu entendimento do passado. Quando eles voltavam sua atenção para o futuro, viam a história como o drama do triunfo eventual de Deus sobre o mal. Sua visão da história produziu o chamado deles para Israel se arrepender e obedecer. Os profetas do Antigo Testamento criam que Iavé controla o processo inteiro da história; o plano de Deus infunde significado na história.

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em maio/2007.

² As datas para Orígenes, Tertuliano e Justino Mártir são as mais próximas que pudemos conseguir.

O que começou como uma história envolvendo somente os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó se torna, como vemos no livro de Amós,³ um plano envolvendo pessoas de todo segmento do mundo.

Porque os escritores do Antigo Testamento criam que a história está sob o controle de Deus, eles puderam refletir sobre o propósito da história. As promessas que Deus fez no passado, combinadas com a confiança dos profetas na veracidade e no poder de Deus, levaram-nos a ver o futuro com confiança. Nem todas dessas promessas diziam respeito à promessa da salvação de Deus para aqueles que confiam nele. A noção de confiança e esperança para com o futuro compartilhada pelos escritores do Antigo Testamento é talvez a característica determinante do entendimento veterotestamentário da história.

Judaísmo Helenista e Filo de Alexandria

O que podemos chamar hoje de Judaísmo Helenista era diferente do seu predecessor – a religião do Antigo Testamento – e do seu sucessor – o Judaísmo Rabínico. No começo da era cristã, Alexandria, no Egito, tinha se tornado o principal centro do pensamento helenista.⁴ Alexandria também se tornou uma grande comunidade de judeus que tinham sido desalojados da Palestina. Essa colônia de judeus alexandrinos⁵ se tornou helenizada no idioma e cultura. A tradução das suas Escrituras hebraicas, o Antigo Testamento, para o idioma grego (a Septuaginta) aumentou o isolamento cultural deles das suas raízes hebraicas. Após isso, eles então tinham ainda menos incentivos para permanecer fluentes no idioma hebraico.

Dado os interesses intelectuais dos judeus alexandrinos, era apenas natural que eles ficassem sob a influência das filosofias do Platonismo e Estoicismo que tinham sido transplantadas para Alexandria. Filo (25 a.C. a 50 d.C.) fornece o melhor exemplo de como os judeus intelectuais da Dispersão, isolados da Palestina e sua cultura nativa, permitiram que as influências helenistas mudassem sua teologia e filosofia. Seus escritos são uma mistura de idéias, promovidas largamente por meio de uma alegorização deformadora do Antigo Testamento. Para chegar ao cerne dos escritos de Filo, é necessário superar as obscuridades e contradições dispersas por toda parte.

³ Veja Amós 6:14; 9:8-9.

⁴ A palavra *helenista* é dada ao período da história que começou com a morte de Alexandre o Grande em 323 a.C. e terminou com a conquista romana em 30 a.C. do maior vestígio do império de Alexandre, o Egito de Cleópatra. Eventualmente, o termo passou a ser aplicado à cultura do Império Romano também. Embora Roma tenha alcançado a supremacia militar e política em todo o mundo Mediterrâneo, ela adotou a cultura do mundo helenista que precedeu sua ascensão ao poder.

⁵ *Judaísmo Helenista* é o termo oficial para as crenças e costumes de judeus que adotaram o idioma grego e a filosofia e pensamento de sua cultura helenista. *Judaísmo Alexandrino* é, obviamente, um rótulo para os judeus que se submeteram às influências helenistas por causa de seu contato com a comunidade judaica em Alexandria, Egito.

Filo exagerou tanto a transcendência (o ser “outro”) de Deus que ele tinha problemas em explicar como o seu Deus teria contacto com os humanos e o universo físico. Filo tentou lidar com esse problema alegando que Deus age sobre o mundo por meio de seres intermediários. O nome de Filo para os mais importantes desses intermediários era *logos*, uma palavra que ele tomou emprestado dos filósofos estóicos. De forma lamentável, é impossível encontrar qualquer uso claro ou consistente da palavra nos muitos escritos de Filo. Por exemplo, ele usou *logos* para se referir ao mundo das formas eternas (idéias) de Platão, à mente de Deus, e a um princípio subordinado a Deus. Em outras ocasiões, ele aplicou *logos* a vários mediadores entre Deus e os humanos, tais como os anjos, Moisés, Melquisedeque, e o sumo-sacerdote judeu. É comum em certos círculos insistir que o uso de *logos* no primeiro capítulo do Evangelho de João como um nome para Jesus reflete a influência de Filo sobre o pensamento da igreja primitiva.⁶ A indefensibilidade dessa teoria tem sido amplamente conhecida por décadas.⁷

Filo e a Visão Cíclica da História

As influências filosóficas dominando a cultura alexandrina foram tão poderosas que Filo efetivamente abandonou a visão da história do Antigo Testamento em favor da visão cíclica. Como vimos no capítulo anterior, os filósofos gregos pensavam na história em termos de círculos eternamente recorrentes, pensando que a história é um grande círculo: Tudo que acontece já aconteceu várias vezes antes e acontecerá novamente. Tal visão deprecia a história. Se a história gira e gira, nunca chegando a algum lugar, para sempre se repetindo, então não pode existir nenhum objetivo ou propósito na história para os seres humanos como indivíduos ou para a raça humana. Tudo o que acontece aos indivíduos acontecerá novamente; tudo o que os humanos realizam, eles devem realizar novamente e novamente – para sempre. Os escritos de Filo revelam que a comunidade alexandrina tinha aceitado a visão cíclica do tempo.⁸

A Epístola aos Hebreus e o Judaísmo Alexandrino

O primeiro filósofo cristão é o autor do livro do Novo Testamento conhecido como a Epístola aos Hebreus. O autor de Hebreus era um judeu helenizado, originalmente de Alexandria, que era totalmente familiarizado com a linguagem e idéias filosóficas presentes no Judaísmo Alexandrino dos seus

⁶ João 1:1 diz: “No princípio era o Verbo (Logos), e o Verbo (Logos) estava com Deus, e o Verbo (Logos) era Deus”.

⁷ Veja Ronald Nash, *The Gospel and the Greeks* (Richardson, Tx: Probe Books, 1992), cap. 5-6.

⁸ Veja os seguintes livros de Filo: *Interpretation Allegorical* 3,25 e *On the Creation* 60. Para mais sobre esse assunto, veja Ronald Williamson, *Philo and the Epistle to the Hebrews* (Leiden: E. J. Brill, 1970), 148ss. Para uma edição recentemente publicada dos escritos de Filo, veja *The Works of Philo*, tradução C. D. Yonge (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1993).

dias. No mínimo, o escritor de Hebreus compartilhou com Filo uma educação comum no pensamento alexandrino. E então, em algum ponto, ele se tornou um crente em Cristo que escreveu sua carta a uma comunidade de outros judeus alexandrinos que tinham se tornado cristãos.⁹ O escritor de Hebreus assume que seus leitores estão familiarizados com a filosofia e teologia alexandrina. A visão que o livro de Hebreus é um legado ao Cristianismo procedente do Judaísmo helenizado de Alexandria é compartilhada por muitos comentaristas.¹⁰ Contudo, no tempo em que escreveu sua epístola, ele estava determinado a contrastar suas convicções cristãs e aquelas de sua comunidade – de outros convertidos do Judaísmo Helenista – com a filosofia Alexandrina que ele agora via como incompatível com o Cristianismo.¹¹ Excederia o escopo deste livro fazer o grande retorno necessário para entrar em grande detalhe sobre tudo isso. Os leitores interessados podem achar mais informações e argumentos apoiadores em outro livro.¹²

Um propósito, se não o maior objetivo do escritor de Hebreus, era expor a incompetência dos mediadores ou *logoi* alexandrinos. Os mediadores da comunidade alexandrina eram identificados com palavras tais como Logos (Razão), Sofia (Sabedoria), anjos, Moisés, Melquisedeque (o sacerdote que abençoou a Abraão), e o sumo-sacerdote judeu. Filo tinha aplicado o termo *logos* a cada membro dessa lista. O escritor de Hebreus crê que Jesus é superior a todo mediador citado no sistema alexandrino. Uma das palavras-chave de Hebreus é “melhor”: Jesus é melhor do que os anjos, Moisés, Melquisedeque, e o sumo-sacerdote judeu. Para o autor de Hebreus, Jesus é o único mediador verdadeiro entre Deus e os homens. Jesus é o verdadeiro Logos, a verdadeira

⁹ Analisando várias passagens de Hebreus, é possível duvidar da genuinidade do comprometimento feito por alguns membros dessa comunidade, como testemunhado por Hebreus 6:1-12. Nenhuma das expressões aplicadas aos recipientes da carta nesses versículos descreve necessariamente as pessoas que tinham passado por uma experiência de conversão genuína.

¹⁰ Ronald Williamson cita a maioria das fontes importantes de ambos os lados da questão no primeiro capítulo do seu livro *Philo and the Epistle to the Hebrews*, já citado. Embora Williamson reconheça a familiaridade do autor com o Judaísmo Alexandrino, ele é cético quando diz respeito à questão de uma relação pessoal com a filosofia de Filo. Evangélicos contemporâneos como F. F. Bruce têm apontado a aparente familiaridade do escritor de Hebreus com alguns ensinamentos de Filo. Veja F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), lxxix e seguintes, bem como o comentário de Bruce sobre Hebreus em Peakes's *Commentary on the Bible*, ed. M. Black and H. H. Rowley, rev. ed. (New York: Nelson, 1962), 1008.

¹¹ Existem duas visões diametralmente opostas com respeito à relação entre o livro de Hebreus e o pensamento de Filo e o Judaísmo Alexandrino. Um extremo, tipificado pelo erudito francês C. Spicq, sustenta que o autor de Hebreus foi definitivamente influenciado de uma maneira direta pelos escritos de Filo. O escritor pode ter conhecido Filo pessoalmente; ele certamente leu algumas de suas obras; ele pode ter sido um convertido do Judaísmo Alexandrino para o Cristianismo. Muitas versões moderadas dessa tese têm por anos achado expressão na literatura sobre Hebreus. O comentário de Spicq sobre Hebreus permanece uma das obras mais detalhadas e plenamente documentadas arguindo por uma forte e direta influência filônica sobre Hebreus. Em 1970, contudo, Ronald Williamson desafiou as alegações de Spicq. Williamson apresentou com sucesso várias fraquezas no caso apresentado por Spicq. Embora Williamson tenha se enganado também, ao ir longe demais na direção oposta em seu esforço para eliminar qualquer influência filônica, ele estava correto em alegar que os intérpretes têm tendido a exagerar a influência de Filo sobre o livro de Hebreus.

¹² Veja Nash, *The Gospel and the Greeks*, cap. 6.

Sofia, e o Grande Sumo-Sacerdote. Ele é muito superior aos anjos, Moisés e Melquisedeque. Cristo e o pensamento cristão são melhores do que a cosmovisão encontrada no Judaísmo Alexandrino. Uma forma na qual o Cristianismo era superior era em sua visão da história, especialmente sua oposição à visão cíclica da história que Filo tinha tomado emprestado dos estóicos.

Para alguém como Filo, que mantinha a visão cíclica da história, eventos na história nunca poderiam alcançar o significado ou valor atribuído aos eventos históricos pelo Antigo Testamento (o Êxodo, por exemplo) ou pelo escritor de Hebreus. Quando o autor de Hebreus se tornou um cristão e então escreveu sua epístola aos hebreus, ele tinha abandonado a posição cíclica de seus anos alexandrinos. Ele repetidamente enfatiza a exclusividade histórica do que Jesus fez para efetuar a redenção da humanidade. Jesus “não tem necessidade de oferecer sacrifícios dia após dia... ele o fez *uma vez por todas* quando a si mesmo se ofereceu”.¹³ Não é necessário, ele adiciona mais tarde, que Cristo “se oferecesse repetidas vezes” como os sacrifícios oferecidos no sistema sacrificial judaico. “Mas”, ele observa, Cristo “apareceu *uma vez por todas* no fim dos tempos, para aniquilar o pecado mediante o sacrifício de si mesmo... Cristo foi oferecido em sacrifício *uma única vez*, para tirar os pecados de muitos”.¹⁴ Comentários similares sobre a finalidade da obra redentora de Cristo aparecem em Hebreus 10:10-14. Dado tudo o que agora sabemos sobre o pano de fundo alexandrino desse escritor e sobre a proeminência do padrão cíclico da história em Alexandria, a ênfase na epístola sobre o sacrifício único, de uma vez por todas e irrepitível de Jesus não pode ser uma coincidência. Esse é um sinal claro da substituição do autor de sua visão cíclica anterior da história por uma visão linear, na qual a morte de Cristo ocupa um estágio central.

O sacrifício de uma vez por todas, plenamente completo, irrepitível e de caráter final de Jesus contrasta severamente com os sacrifícios contínuos dos sacerdotes levitas. Diferente do sacerdote do Antigo Testamento, cuja obra de sacrifício nunca era finalizada, a obra redentora de Jesus *está* consumada. Jesus a fez de uma vez por todas.

Um helenista poderia rapidamente observar o desdém explícito do autor pela visão estóica e filônica de tempo e história. Como Ronald Williamson declara: “Para os hebreus o tempo importa, não se repete (eventos acontecem dentro do “uma vez por todas”)... Eventos no tempo podem ser decisivos, cruciais e climáticos... Eventos no tempo nunca poderiam ter para Filo aquele significado eterno e valor final que possuem para o escritor de

¹³ Hebreus 7:27, NVI, ênfase do autor.

¹⁴ Hebreus 9:25-28, NVI.

Hebreus”.¹⁵ O escritor de Hebreus percebe o tempo não como cíclico, mas como linear. Essa perspectiva permite que ele veja a história como progredindo para um objetivo, a vitória final de Deus. A visão linear da história permite que o autor veja momentos particulares na história, tais como a Crucificação, como eventos únicos e não-repetíveis. Assim, essa ênfase em Hebreus colide de maneira irreconciliável com a mentalidade helenista sobre o tempo.

Cinco pontos parecem ter sido claramente estabelecidos: (1) O autor de Hebreus era totalmente familiarizado com o pensamento do Judaísmo Alexandrino e seu vocabulário técnico; (2) Parece altamente provável que ele estava familiarizado com pelo menos alguns dos escritos de Filo e alguns dos detalhes do sistema de Filo; (3) Os dois primeiros pontos sugerem fortemente que o autor de Hebreus era um judeu helenista instruído, mui provavelmente de Alexandria; (4) A evidência também sugere que era familiar com a síntese interessante de Platonismo e Estoicismo ensinada por pensadores alexandrinos como Filo; (5) Certamente não envolve nenhuma imaginação forçada chamar o autor de Hebreus de um filósofo, visto que ele claramente demonstra facilidade em lidar com as idéias dos pensadores alexandrinos. Visto que é razoável considerar o autor de Hebreus como um filósofo, o qualificamos como o primeiro filósofo cristão.

A Identidade do Primeiro Cristão Filósofo

O material apresentado acima fornece várias pistas importantes sobre a identidade do autor de Hebreus:

(1) O autor de Hebreus era um crente judeu em Jesus Cristo. Nenhum gentio poderia ter escrito a Epístola aos Hebreus.

(2) O autor era um judeu helenista. Isso significa que o autor de Hebreus era um judeu que falava grego, um dentre aquele grande número de judeus helenistas cujo idioma e cultura refletiam mais a síntese grega e romana, que se desenvolveu após a morte de Alexandre o Grande, do que a cultura palestina comum aos cristãos primitivos tais como Pedro.

(3) O autor era um judeu helenista de Alexandria.

(4) O autor era altamente instruído.

(5) O autor era um grande pregador. Isso é aparente uma vez que percebemos que a Epístola aos Hebreus é na verdade um tipo de sermão escrito.

¹⁵ Williamson, *Philo and the Epistle to the Hebrews*, 148.

(6) O autor também parece ter tido um relacionamento pessoal com o apóstolo Paulo e Timóteo (veja os últimos poucos versículos de Hebreus). Assim, aqui estão seis marcas distinguidoras do autor de Hebreus. A próxima questão deveria ser óbvia: Existe alguma pessoa no Novo Testamento que se encaixa nessa descrição? A resposta reside em duas passagens.

A primeira dessas é Atos 18:24-19:7. Citarei somente Atos 18:24-26 dessa primeira passagem:

Nesse meio tempo, chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloqüente e poderoso nas Escrituras. Era ele instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus, conhecendo apenas o batismo de João. Ele, pois, começou a falar ousadamente na sinagoga. Ouvindo-o, porém, Priscila e Áqüila, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus.

Cinco das características distinguidoras do escritor de Hebreus são atribuídas a Apolo nesses versículos. Ele era um judeu culto, instruído, que falava grego, que possuía um nome grego de Alexandria, e que era obviamente um orador e mestre dotado. Embora possuísse boa informação sobre Jesus antes de sua conversão, sua compreensão da fé cristã era deficiente em vários aspectos importantes, sendo um deles sua confusão sobre o batismo de João o Batista. Apolo foi discipulado por Priscila e Áquila (Atos 18:26), bem como pelo apóstolo Paulo (Atos 19:1-7).

Uma vez que seus erros foram corrigidos, Apolo se tornou uma presença poderosa na igreja, como aprendemos do nosso segundo texto (1Co. 1:11-17), onde Paulo discute a dissensão na igreja em Corinto entre aqueles que seguiram a pregação de Apolo, aqueles que seguiram a Pedro,¹⁶ e aqueles que seguiram a Paulo. O fato que Apolo é mencionado na companhia de Paulo e Pedro serve como testemunho de seus dons pessoais e ministeriais.

Nenhuma outra pessoa mencionada no Novo Testamento se encaixa com a descrição do primeiro filósofo cristão, o autor de Hebreus, melhor que Apolo. Se o nome do autor de Hebreus é mencionado em algum lugar no Novo Testamento, esse nome quase que certamente deve ser Apolo.

A Identidade do Primeiro Cristão Filósofo

A visão cíclica da história minimiza a significância da história. Se Pelé deve marcar o seu 1000° gol durante cada ciclo do processo histórico, o

¹⁶ *Cefas* é um equivalente grego de Pedro.

evento perde a sua exclusividade. Qualquer evento que deva ser repetido inúmeras vezes perde sua significância em tal entendimento da história. Mas para o Cristianismo, a história não se repete. A história não é um círculo; é uma linha com um princípio (a criação) e um fim (o julgamento final e a eternidade). Porque a história é uma linha, os eventos individuais que ocorrem na história e os indivíduos que vivem na história têm significância.

Para Leitura Adicional

F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964).

Ronald Nash, *The Gospel and the Greeks* (Richardson, Tex.: Word, 1992).

Ronald Nash, *The Word of God and the Mind of Man* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1992).

Philo, *The Works of Philo*, tradução C. D. Yonge (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1993).

Ronald Williamson, *Philo and the Epistle to the Hebrews* (Leiden: E. J. Brill, 1970).

Fonte: *The Meaning of History*, Ronald H. Nash, Broadman & Holman Publishers, p. 41-48.